A raiva dos operários franceses vai chegar a Portugal?

REUTERS/RENOU TESSIER

Em França responde-se à crise e aos despedimentos em massa com assaltos a fábricas e rapto dos patrões. O casseur *(o protesto com estrago) – que ressurge sempre que há crises – já se verifica noutros países. Por cá, a resignação ainda é o tom dominante.*

Texto **Natália Faria**

Não são jovens anarquistas nem filhos de imigrantes da periferia, nem sequer filhos da pequena burguesia a gritar utópicas reivindicações, como no Maio de 1968. Não. A violência que está a irritar o Presidente francês Nicolas Sarkozy – assaltos a instalações fabris e perto de uma dezena de raptos de empresários – vem de trabalhadores que, em muitos casos, não estão sindicalizados. É uma raiva nova nascida da actual crise. Nas últimas semanas, esta raiva gerou cenas violentas em França, na Bélgica, na Inglaterra e na Escócia e assustou os patrões. "Até onde é que a insurreição francesa pode ir?", alarmava-se há umas semanas a revista *Le Nouvel Observateur,* que foi ouvir sociólogos e politólogos. O diagnóstico dos especialistas foi mais ou menos unânime: o povo está a divorciar-se das elites e estes protestos podem ser sinal de uma nova e iminente revolução social.

E, em Portugal, por que é que os trabalhadores reagem aos despedimentos em massa com resignação e não agarram os chefes pelos colarinhos? A aparente ausência de raiva perante a crise é sintoma dos brandos costumes, ou o país que, nas previsões do Fundo Monetário Internacional, poderá ter o desemprego a atingir os 11 por cento já em 2010 corre também o risco de ver os trabalhadores barricarem-se nas instalações fabris? Já lá iremos.

Os sequestros em França já duram há mais de um mês. Começaram em Auxerre, a 150 quilómetros de Paris, quando, em Abril, trabalhadores de uma fábrica de baterias para carros sequestraram o director-geral e o obrigaram a vestir uma *T-shirt* com o número de funcionários a despedir estampado nas costas.

Quimonda sem violência

Estivéssemos em França e o estertor da Qimonda, em Vila do Conde, que rescindiu 600 contratos de trabalho e colocou mais 800 trabalhadores em *lay-off*, teria originado violentos protestos. Os trabalhadores aguentaram meses a ameaça de desemprego. Não se viram manifestações nem murros na mesa nem pedras atiradas com raiva. Apenas lamentos para as televisões. Miguel Moreira, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas, viveu este processo por dentro e garante que, se a coisa não explodiu, foi graças aos sindicatos. "Houve trabalhadores a ameaçar incendiar os carros dos administradores, prendê-los lá dentro e coisas piores. Nós é que insistimos que actos desses não lhes iam garantir o emprego, bem pelo contrário."

Por episódios como este é que Carvalho da Silva, líder da CGTP-Intersindical, diz que tem dificuldades em entender por que é que os sucessivos governos se têm empenhado tanto em acantonar os sindicatos. "Quanto mais este sistema atacar as organizações de sindicatos, mais violentas se tornarão as rupturas, porque os sindicatos são uma das ajudas ao equilíbrio e à exposição organizada das reivindicações", avisa, apontando os exemplos das manifestações que juntaram mais de 200 mil pessoas em Lisboa. Houve protestos, cartazes, palavras de ordem

Dias depois da indignação de Sarkozy – "Este país é regido por leis" –, os funcionários da Continental destruíram os escritórios

contra o Governo, discursos contra a situação. Não houve feridos, nem carros incendiados, nem ministérios tomados de assalto.

Regressamos a França, onde, no final de Março, cerca de 50 funcionários da Fnac e da Conforama cercaram um dos símbolos da elite francesa, Francois-Henri Pinault, dentro de um táxi, em Paris, durante mais de uma hora, depois de terem ouvido que 1200 pessoas seriam despedidas do grupo que distribui as marcas Gucci, Yves Saint Laurent e La Redoute. Dias depois, cinco executivos da filial francesa do grupo Caterpillar, encarregados de demitir 733 dos 2800 empregados, foram sequestrados um dia inteiro pelos trabalhadores. Estes só aceitaram libertá-los depois de a empresa ter prometido aumentar as indemnizações a pagar aos despedidos. O representante da Sony no país, Serge Foucher, também esteve sequestrado durante um dia. O mesmo aconteceu ao responsável máximo da filial francesa do grupo 3M, que tinha acabado de anunciar a eliminação de 110 postos de trabalho. "Esta acção é a única moeda de troca que nos resta", declarou na altura o delegado sindical da empresa, Jean-Francois Caparros, citado pela imprensa francesa, que se desdobrou em interpretações sobre os significados destas acções.

Cinco executivos da Caterpillar encarregados de demitir funcionários foram sequestrados

"Há um divórcio entre o povo e as elites", decretou à *Le Nouvel Observateur* Jean Grosset, secretário-geral adjunto da CGT, central sindical francesa, para quem os sequestros dos patrões "reflectem o sentimento geral de quem acha que não tem mais nada a perder". Também porque os anúncios de demissões, planos de cortes e encerramentos de empresas têm coexistido com as notícias sobre o pagamento de prémios e remunerações extraordinárias a empresários, cujas empresas, pelo menos nalguns casos, só têm conseguido superar as dificuldades à custa da injecção de dinheiros públicos.

No início, Nicolas Sarkozy reagiu com compreensão. Mas depois, como esta "caça aos patrões" não desse sinais de abrandar, o Presidente francês endureceu o tom. "Que é isto de andar agora a sequestrar pessoas? Este país é regido por leis e não permitirei que coisas destas aconteçam", exasperou-se. Já depois destes avisos, os trabalhadores da fabricante de pneus Continental destruíram escritórios, computadores e queimaram vários pneus, depois de um tribunal francês ter rejeitado o apelo para anular o fecho da fábrica instalada em Clairoix, que atirou 1200 para o desemprego. Na mesma altura, os funcionários da filial francesa do grupo Scapa mantiveram quatro administradores fechados uma noite inteira.

Além da humilhação por ter visto o seu →

REUTERS/VINCENT KESSLER

À porta da Continental, depois de um tribunal ter rejeitado o apelo para o não encerramento da fábrica de pneus

aviso ignorado, a continuação dos protestos deixou Sarkozy dividido entre a necessidade de fazer cumprir a lei e o risco de exacerbar a ira dos trabalhadores numa altura em que a crise está longe de abrandar e em que a sua popularidade junto dos "colarinhos azuis" entrou em queda livre. Os restantes políticos dividiram-se entre a condenação e a compreensão. "Não é agradável ser sequestrado e é ilegal privar alguém da sua liberdade de movimentos, mas os trabalhadores têm de romper por algum lado as injustiças de que estão a ser vítimas", contemporizou a ex-candidata socialista à presidência francesa, Ségolène Royal. Enquanto uma sondagem feita pelo Canal Plus francês mostrava que 50 por cento dos franceses condenam o sequestro dos patrões, contra os 45 por cento que consideram esta forma de protesto aceitável face ao contexto, sociólogos como Jerome Pelisse esforçam-se em vão por lembrar que a mediatização destes episódios de "caça aos patrões" só pode fazer uma coisa pelo problema: propagá-lo.

Efectivamente, três dirigentes da Fiat foram sequestrados na Bélgica, depois de o grupo ter anunciado que tencionava fechar o concessionário que detinha em Bruxelas. O protesto também chegou à capital da Escócia, onde a casa de *sir* Fred Goodwin, ex-presidente executivo do Royal Bank of Scotland, foi vandalizada e os vidros partidos à pedrada. O caso passou-se depois de se saber que *sir* Fred iria receber 1,2 milhões de euros anuais de reforma. Isto apesar de o banco que dirigira até alguns meses antes só não ter entrado em falência porque o Governo britânico injectou ali alguns milhões.

Embalado pela onda, Oskar Lafontaine, presidente do partido alemão de extrema-esquerda Die Linke, incitou os trabalhadores alemães a copiar os franceses. "Quando os trabalhadores franceses estão encolerizados, sequestram os seus patrões. Gostaria que aqui acontecesse o mesmo, para que os patrões se apercebessem da cólera dos trabalhadores e de como estes temem pela sobrevivência", disse à AFP o antigo ministro das Finanças de Gerhard Schroeder.

Rui Ramos: "Tenho é visto uma consciência de que a crise colocou patrões e empregados no mesmo barco"

As ilusões da CEE

Em Portugal, Carvalho da Silva considera que o cenário ainda não se tornou explosivo, entre outras coisas, porque "a agricultura de subsistência tem ajudado a amortecer o impacto do desemprego". E a disponibilidade dos portugueses para a emigração também joga a favor da descompressão: "Nos últimos seis anos consecutivos, tivemos cerca de cem mil portugueses a sair todos os anos do país."

Depois, como num jogo das diferenças, assinala que, em França, os revoltosos não têm tido problemas com as autoridades. Por cá, o costume é ter-se tanto medo da polícia como do desemprego. "Tenho visto situações escandalosas de trabalhadores que se põem à porta das fábricas para que os patrões não tirem as máquinas e as mercadorias e que ainda levam porrada da polícia por causa disso."

Será culpa das marcas que os 48 anos de fascismo inscreveram nos genes portugueses, admite Elísio Estanque, sociólogo e investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. "O poder em Portugal foi sempre muito sacralizado pelas elites e o povo incorporou essa ideologia, habituando-se a projectar o Estado como uma entidade sobre-humana capaz de resolver os problemas das pessoas. E a Igreja Católica também contribuiu para esse sentimento de resignação que tem retardado as explosões sociais", aponta. Apesar destes condicionalismos, Estanque, que se habituou a olhar para França como o barómetro da Europa, diz que o agudizar dos protestos em Portugal pode ser uma questão de tempo. "A entrada do país na CEE criou uma certa ilusão de oportunidades que durou até meados dos anos 90, com a ideia de que o triunfo seria possível através da competência e do talento individuais. E, porque o país partiu de um patamar muito baixo de desenvolvimento, houve, nas duas décadas seguintes, efectivas conquistas de direitos, os níveis de conforto melhoraram e as classes intermédias cresceram. Achou-se que isso seria um processo irreversível e agora verifica-se que não está a sê-lo. A própria classe média, que era o último grande baluarte, está muito fragilizada e a nova geração, apesar de refém dos recibos verdes, vai ajudar a que ressurjam formas de protesto colectivas em Portugal", alerta, considerando que, "a não ser que o Governo consiga amenizar o clima de desconfiança instalado, a situação pode explodir a qualquer momento".

O historiador e deputado do Bloco de Esquerda Fernando Rosas também acredita que os protestos incendiários vão chegar a Portugal. "São fenómenos que estão longe de se restringir à França – apesar de ali haver um movimento de trabalhadores muito politizado e uma tradição de formas radicais de luta. Porque cá os despedimentos e o trabalho precário também estão

a empurrar a classe operária para o desespero de quem já não tem nada a perder." De resto, "convém não esquecer que os portugueses já foram capazes de fazer uma revolução onde se fecharam empresas, se sequestraram patrões e se nacionalizou a banca", ou seja, "não vivemos num deserto rural e reaccionário situado nos confins da humanidade". Logo, "é, no mínimo, tolo pensar-se que isto anda tudo embalado nos brandos costumes e meio adormecido".

Crise, xenofobia e racismo

Para Rosas, esta crise encontra paralelo com a que se seguiu ao *crash* da bolsa em 1929. "Se olharmos para trás, percebemos que o grande ciclo dos fascismos na Europa é consequência em grande parte da crise de 29. E convém que nos lembremos que a crise ainda não bateu no fundo e que andamos a pisar um terreno fértil para o nascimento de toda a espécie de demagogias xenófobas e racistas", alertou, apesar de reconhecer que a sociedade está agora mais bem preparada do que na década de 1930.

É isso, aliás, que lembra o também historiador Rui Ramos. "O mundo mudou muito e a sociedade em que estamos hoje não tem nada que ver com a sociedade dos anos de 1930, logo, é muito improvável que tenhamos o mesmo tipo de fenómenos", sustenta este investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, para exemplificar: "Durante o *New Deal*, a despesa do Estado representava três por cento do PIB. Hoje, a despesa federal norte-americana vale 46 por cento do PIB, ou seja, não sabemos o que vai acontecer mas não será o mesmo que no passado, numa altura em que, mesmo as sociedades mais evoluídas e ricas, tinham 30 por cento da população empregada no campo. Eram sociedades em que praticamente ninguém tinha assistência pública, não havia sistemas de previdência social e, portanto, com uma estrutura ocupacional e expectativas de vida completamente diferentes", assinala, para considerar que qualquer prognóstico vale praticamente o mesmo que uma previsão astrológica.

Na crise actual, "as reacções das pessoas vão estar muito determinadas pela incerteza e, enquanto não soubermos o que vai acontecer, a resposta vai ser de muita prudência", preconiza Rui Ramos, dizendo não ter vislumbrado nas notícias que as televisões mostraram sobre o encerramento de empresas grande ressentimento contra os patrões. "Pelo contrário, tenho é visto uma consciência de que a crise, traduzida na falta de encomendas, colocou patrões e empregados no mesmo barco e de que o sector está a ir ao fundo." Para reforçar a sua tese de que esta crise não levará ao caos, recua até 1985. "Na altura, também se achou que a grande violência das medidas do bloco central iria redundar em enormes rupturas. Pelo contrário, toda a gente aceitou durante dois ou três anos os salários em atraso e os *lay off*."

Quanto aos "incendiários" franceses, é uma coisa lá com eles. "Esse fenómeno do *casseur* [o que protesta com estrago] é característico do movimento de contestação francês e tem que ver com uma fraqueza dos sindicatos e das instituições que antigamente canalizavam e geriam os conflitos do trabalho", interpreta este historiador, lembrando que França soube sempre encaixar a violência ao longo da sua História. E, "numa sociedade onde há um Estado muito forte e onde as mudanças têm sido sempre feitas quase à beira da guerra civil, as expressões de violência como as que vemos nos trabalhadores não devem ser sobrevalorizadas porque não têm o mesmo significado que teriam noutro país." E resume: "A sociedade francesa, ao dar lugar à violência, também lhe retira impacto."

AFP PHOTO/MICHAEL HUGHES

Os vidros da casa de *sir* Fred Goodwin, ex-presidente do Royal Bank of Scotland, que faliu, foram partidos ao saber-se que iria receber 1,2 milhões de euros de reforma

Elísio Estanque: "A classe média e a nova geração vão ajudar a ressurgir formas de protesto colectivas"

Andem de T-shirt

Pode ser, mas, além das réplicas na Bélgica e na Escócia, o receio de represálias contra as classes dirigentes levou a que, em Londres, as autoridades britânicas recomendassem aos homens de negócios que ponderassem trocar a mala e o fato e gravata por *jeans*, *T-shirt* e mochila quando fossem trabalhar para a City, local onde estão concentrados os principais serviços financeiros e a sede das principais empresas, enquanto durasse a cimeira do G20. E esse é um pormenor que tem o seu significado, segundo Elísio Estanque, para quem garantir que esta crise vai funcionar como pontapé de saída para uma nova ordem mundial é uma questão de inteligência. "Todos os analistas reconhecem que estamos num momento de viragem paradigmática, e espero que essa viragem passe por um reforço da política em detrimento da economia", adianta, preconizando "uma democracia mais efectiva no campo laboral onde ela nunca existiu". Não é utopia. "A [multinacional alemã] Autoeuropa, em Palmela, é um bom exemplo de diálogo e de partilha de responsabilidades entre patrões e trabalhadores", aponta, para defender um modelo de maior regulação social em que as empresas fossem recompensadas, não apenas em função dos seus resultados, mas também da responsabilidade social que revelassem. "Os partidos do nosso centro político nunca foram capazes de desenhar um modelo económico com viabilidade para Portugal e espero que o país saiba agora promover um debate nacional alargado para, sem reservas mentais e com o envolvimento dos sindicatos, recriar um novo modelo fundado nas capacidades criativas e inovadoras dos portugueses." Se, pelo contrário, "o país persistir na sua visão tecnocrática e elitista, que pensa que o povo só atrapalha e que a democracia só atrapalha, o resultado andará muito próximo do caos social".

Avesso à teoria do caos, Rui Ramos mostra-se muito céptico em relação à sobrevivência da classe operária portuguesa, como a conhecemos hoje. "Tal como aconteceu à população rural, que a própria revolução de Abril deixou para trás – eventualmente por serem vistos pelos sindicatos como camponeses reaccionários e católicos –, os operários da indústria da *T-shirt*, da peúga e do sapato vão ser deixados para trás e ficar esquecidos pelo poder. Este egoísmo negro é transversal a todos os partidos, do CDS ao BE, e, porque hoje os mecanismos de apoio social não permitem que as pessoas passem fome, toda a gente vai afirmar-se de consciência tranquila porque de fome essa gente não morre. Matam-se-lhes os sonhos? Paciência, não se pode ter tudo." ●

nfaria@publico.pt

Crise 2009 fez renascer a raiva